

**Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe):
Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção**

*Experiencias Educativas en Dos Organizaciones de la Comunidad Negra En Recife (Pe): Un
Compañero de Lucha y un Amuleto Protector*

Denise Maria Botelho
Jacqueline Martins Alves Correia
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Recife-Brasil

Resumo: Este texto é resultado de uma dissertação de mestrado que trata de discussões teóricas e analíticas sobre as experiências educativas de duas organizações negras comunitárias localizadas na cidade do Recife (PE). Por meio de entrevistas semiestruturadas com membros desses espaços, mergulhamos no caleidoscópio das africanidades e percebemos retalhos da tradição palmarina em criar espaços educativos. Desde 2003 há a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africanas nas escolas brasileiras, as duas instituições pesquisadas são fundamentos práticos pedagógicos desta demanda curricular. As reflexões aqui elaboradas buscam realizar um diálogo com a bibliografia sobre temas como quilombo, pretagogia, africanidades e filosofias africanas, que apoiam as reflexões e interpretações aqui construídas e a afirmação de que tais espaços podem nos apontar para pedagogias a partir das experiências educativas pretagógicas.

Palavras-chave: Organização comunitária; Africanidades; Pretagogia.

Resumen: Este texto es el resultado de una tesis de maestría que aborda discusiones teóricas y analíticas sobre las experiencias educativas de dos organizaciones comunitarias negras ubicadas en la ciudad de Recife (PE). A través de entrevistas semiestructuradas con integrantes de los espacios, profundizamos en el caleidoscopio de las africanidades y percibimos vestigios de la tradición palmarina en la creación de espacios educativos. Desde 2003, la enseñanza de la historia y la cultura afrobrasileña y africana es obligatoria en las escuelas brasileñas, las dos instituciones investigadas son fundamentos prácticos pedagógicos de esta demanda curricular. Las reflexiones aquí elaboradas buscan realizar un diálogo con la bibliografía sobre temas como el quilombo, la pretagogia, las africanidades y las filosofías africanas, que sustentan las reflexiones e interpretaciones aquí construidas y la afirmación de que estos espacios nos pueden apoyar para las pedagogías desde la educación preescolar. experiencias pretagógicas.

Palabras clave: Organización de la comunidad; Africanidades; Pretagogía.

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

1.Introdução: Entre Lugares e Contra um Lugar

A conjugação do tempo: quando o passado se presentifica e o cotidiano e a memória se entrelaçam, temos aí Ancestralidade. Na geografia das experiências de negros e negras na diáspora africana podemos traçar elos entre tempos e espaços diferentes, podemos identificar contradições, criações e recriações. Assim, as matrizes africanas se fazem presente nos corpos, nos hábitos, no cotidiano, nos saberes e fazeres da população negra que se reinventam e reexistem para continuar ser-sendo. Tomamos aqui por empréstimo as reflexões de Vanda Machado (2013, p. 40), que entende o ser-sendo aqueles que se formam na vida, de um fazer ensinanteⁱ de seres autônomos, solidários e coletivos.

Compreende-se que pensar a educação a partir das africanidadesⁱⁱ nos coloca na rota de pensar os fazeres e saberes produzidos pela população negra a partir da autogestão, da autonomia e da autodefinição, ainda que nas encruzilhadas da história da população negra em escala planetária sejamos atravessadas pelo racismo e pelos projetos de destruição que dele advém.

E nesta rota, identifica-se que na complexa e dinâmica teia de interculturalidadeⁱⁱⁱ nos afina os sentidos para compreender que as geopolíticas de lugar e espaço da histórica e atual luta da população negra no Brasil se faz na ginga, lutando contra um lugar e criando um lugar próprio (ROSA, 2019, p. 39), construindo um entre-lugares^{iv} ou, ainda, um terceiro lugar. Nesse sentido, comungamos com o referido autor quando ele sustenta que “cultura negra constitui e trata um terceiro lugar [...] forjado no sistema hegemônico, não considerado nas leis duras de separar objetivo-subjetivo e dentro-e-fora” (ROSA, 2019, p. 62).

Nesse caminho pelos entre-lugares, ou pelo lugar-entre, é imperioso que ao nos colocarmos em posições de análise das múltiplas experiências negras e suas práticas educativas partimos do pressuposto que poderemos nos encontrar com lugares de reexistência^v, de *continuum*^{vi} africano, de ginga e de criação e reposição cultural negra. A partir deste pressuposto, este artigo apresenta uma perspectiva de análise de duas organizações educativas negras e comunitárias da cidade de Recife (PE) a partir dos elementos das africanidades.

2.Quilombagens: uma episteme negra

Se desafrikanizar^{vii} o segmento populacional negro é um ponto nevrálgico do projeto de genocídio para alterar o senso de ser pessoa destes sujeitos e se a vida de uma pessoa negra é tocada pela necessidade de manter compreendendo-se como gente, continuando vivos/as, física e culturalmente, não seria a africanização dos saberes-fazer um ponto de partida para pensar as experiências educativas capazes de nos reabilitar? Por isso perguntamos: haverá em nossas experiências educativas negras contemporâneas algo a ver com quilombagem^{viii}?

As questões que vão surgindo no caminhar desta discussão nos fazem refletir sobre o quilombo enquanto uma perspectiva epistemológica que conversa com essas experiências educativas atuais. Nesse sentido, dialogo com a pesquisadora Beatriz Nascimento que, já em 1974, organizou um pensamento acerca do quilombo como um sistema social autônomo que recupera a agência da população negra na sua própria história.

Segundo Nascimento (1974), o quilombo é uma instituição africana, mais precisamente de origem angolana, que se constitui na história da pré-diáspora. Ela afirma: “Quilombo é um termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta, sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa” (NASCIMENTO, B., 1985/2018, p. 305). Ainda de acordo com Nascimento (1974), é possível identificar nas formações de quilombos no Brasil uma estrutura organizacional que mantinha inter-relações com as formas do quilombo em Angola e, observando o quilombo sob a perspectiva de um *continuum* histórico, onde também se apresenta como passagem para princípios ideológicos.

Para Beatriz Nascimento, no Brasil, “no final do século XIX, o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão” (NASCIMENTO, B., 1985/2018, p. 289). Essa passagem, de instituição em si para símbolo de resistência, mais uma vez redefine o quilombo. A pesquisadora nos propõe considerar o quilombo não apenas como um lugar de ajuntamento de pessoas escravizadas, de “negros fugidos”, como comumente se consolidou na história oficial a partir dos registros da polícia imperial. Para isso, ela redireciona o ângulo dos seus estudos para pensar o quilombo não nos momentos de incursões em guerras pela resistência, mas no “momento de paz quilombola”, seu momento de autonomia.

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

Pensar desta forma nos permite perceber o quilombo como um lugar de ser e estar no mundo para o/a negro/a no Brasil. As reflexões da autora dialogam com o pensamento Rosa (2019) e Walsh (2019) a respeito do fato de que, enquanto a população negra luta contra um lugar, ela vai criando um lugar próprio, esse entre-lugar, essas dinâmicas e complexidades da interculturalidade, o lugar-entre seria o que Beatriz chama de “momento de paz”. Beatriz Nascimento afirma:

[...] como organização autônoma, onde ela se mantinha independente da guerra, independente da luta, quer dizer, a gente só conhece o quilombo através da documentação oficial, justamente a documentação da repressão, quer dizer, só o registro da história branca é que nos diz o que é o quilombo; então, trazendo a perspectiva do quilombo vencido, nós ficamos sendo os fugidos vencidos ou os escravos vencidos e isso em termos de psicologia social para o grupo do negro atual é muito pernicioso. Então, fundamentalmente, o que eu quero procurar no meu trabalho é trazer à luz essa capacidade do negro de empreender uma organização social, de empreender uma vida própria deles com cultura própria, com relações próprias, e mostrar que hoje em dia talvez eles ainda tenham esse tipo de organização próprias, e um dos grandes trabalhos que ele tem que fazer seja realmente de se conscientizar dessa sua posição diante do mundo e tentar botar para fora essa organização que ainda persiste ao nível das relações entre si e dos grupos negros. Então o quilombo, eu quero ressaltar aqui mais uma vez, é hoje em dia muito mais um instrumento ideológico para a luta do negro do que um instrumento, como foi no passado, de rebelião. É um instrumento de autoafirmação, um instrumento de compreensão de que você, de que o homem negro, é um homem capaz como qualquer homem, que ele formou quilombos não somente por causa dos castigos corporais. Ele fugiu, ele matou, ele matou senhores, ele se suicidou, as mulheres abortavam, houve várias formas de luta, mas a organização quilombo, que tem uma raiz africana, no sentido que significa união, união daqueles que são iguais, então, o quilombo existe hoje e é ele quem vai nos dar toda possibilidade de repensarmos o nosso papel dentro da História do Brasil [...] (NASCIMENTO, B., 2018, p.130).

Essas reflexões nos permitem pensar a construção de lugares e organizações sociais de matrizes africanas capazes de possibilitar autoafirmação e reestabelecimento do senso de ser. O quilombo é um lugar que possibilita pensarmos em reexistência. O quilombo é, fundamentalmente, pensar a nossa existência desatrelada da condição de “Outro”^{ix}.

Seguindo o fio condutor do pensamento organizado por Beatriz Nascimento (2018), percebendo o quilombo enquanto um lugar de ser e estar no mundo e como um *continuum* histórico, podemos constatar que ele não se encerra no século XIX, ele se prolonga no tempo da história da organização social negra no Brasil, na memória comunitária e da coletividade negra.

Nesse aspecto, o quilombo pode ser compreendido como uma episteme negra elaborada, reatualizada e muitas vezes redefinida, que se inscreve nas experiências culturais, políticas e educativas, na práxis da coletividade negra:

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento do africano e de seus descendentes e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, da atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra (NASCIMENTO, B., 2018, p. 292).

A relevância da perspectiva de pensar o quilombo como uma possibilidade em dias de destruição e como um fomentador do “momento de paz” está associada à ideia de que ele representa uma capacidade de autonomia e de liberdade a partir da coletividade negra que se espicha no tempo e espaço. Nesse aspecto, corrobora o pensamento de Abdias Nascimento (2019), que propõe o quilombismo enquanto prática de libertação assumida nas formas associativas de negros e negras:

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso, que facilitava sua defesa e organização econômica-social própria, como também assumiram modelos de organização permitidos ou tolerados, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei, erguem-se os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando práticas de libertação e assumindo o comando da própria história (NASCIMENTO, A., 2019, p. 283).

Assim, esse complexo de significações, essa práxis afrodiaspórica^x, Nascimento chama de quilombismo (NASCIMENTO, A., 2019, p. 131). Uma episteme que se desenvolve na experiência, nos saberes-fazeres, no cotidiano, de modo que o quilombo se apresenta como um ponto de partida e fundamento teórico e prático possível para interpretar nossas realidades.

É possível, então, tomarmos o quilombo como uma representação da maior força de sobrevivência e reexistência da população negra no Brasil, é ele que mantém nossos corpos em movimento de migração e de reorganização social mesmo fora do território geográfico definido como quilombo, é também representação de um corpus coletivo afroancestral, pois, na nossa percepção, não aponta apenas para a retomada de um

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

passado histórico, mas inaugura uma percepção histórica em que podemos interpretar nossa realidade a partir da capacidade das populações negras de não apenas sobreviver mas de assegurar sua existência, seu poder de ser.

Sob esse ponto de vista, podemos perceber o espiralar da história das experiências de coletividades, agrupamentos e associações de negros e negras constituindo-se como lugares de muitas encruzilhadas e interseções, de origens e disseminações, de confluência, mas também de desvio, de relações e transformações. Então a pergunta continua: haverá algo de quilombagem nas experiências educativas da práxis das coletividades negras?

2.2 Africanidades e Pretagogia

O quilombo é um princípio de africanidade, visto que é um continuum histórico africano, ele é um lugar de luta e lugar próprio, emergindo com suas reelaborações e complexidades no novo território, sendo caminho e raiz ao mesmo tempo. O termo quilombagens pode, então, ser compreendido aqui neste trabalho como uma gíngua das populações negras para reelaborar e criar entre-lugares ao mesmo tempo em que lutam contra um lugar.

Esses entre-lugares revelam uma complexa teia de diálogos, tomando como referência o quilombo que, além de lutar contra um sistema colonial escravocrata, fez da sua formação lugar de acolhimento e autonomia. Assim, o quilombo e as quilombagens não são simples resultados de uma situação negativa e da fuga da escravidão, mas, principalmente, uma ação positiva para criar um lugar para manter-se gente.

Para pensar o conceito de africanidade, é preciso considerar exatamente o elemento dinâmico desses entre-lugares de ser caminho e raiz ao mesmo tempo. Para Henrique Cunha Júnior, é fundamental a ideia de reelaboração para entender o conceito de africanidades brasileiras, pois a reelaboração é o elemento dinâmico que explica as construções inexistentes nas culturas africanas, mas que estão presentes nas africanidades brasileiras (CUNHA JÚNIOR, 2001, p. 12). Segundo o autor, as africanidades se constituem em “reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem” (CUNHA JÚNIOR, 2001, p. 12).

Ainda conforme o autor, “as africanidades se preocupam em compreender a dinâmica de base africana no universo do escravismo e do capitalismo racista brasileiro” (ibidem, p.13). Desse modo, para pensar as africanidades, quer dizer, essas redefinições de

quilombagens, é preciso reorientarmos nossa rota de pensamento para princípios éticos, valores e conceitos elaborados a partir dessa dinâmica civilizatória africana reelaborada e reterritorializada pelos afrobrasileiros.

Nesse sentido, direcionamos o olhar para os fragmentos culturais trazidos por africanos/as e para suas redefinições em um novo território, em outras configurações geográficas, demográficas, sociais, políticas e econômicas, considerando ainda a capacidade e as potencialidades dessas redefinições no sentido de manter a resistência e reexistência desses sujeitos.

Em meio a essa ginga, pensar educação popular a partir das africanidades faz florescer caminhos de espichamento^{xi} das quilombagens em espaços independentes na cidade de Recife, formados nos entre-lugares das demandas locais e gerais através das afroperspectivas para pensar em educação. Assim, caminhando entre os espaços construídos com recursos próprios e projetos educativos que articulam acolhimento, valorização da cultura, dos saberes e da história construída pela própria comunidade negra, as organizações comunitárias negras de Recife podem revelar um lugar das africanidades florescidas cotidianamente no vivido.

As africanidades brasileiras podem ser compreendidas como retorno e continuidade, roda e ginga, caminho e raiz, terra e território são possibilidades criadas por negros e negras nos entre-lugares para continuarem compreendendo-se como gente. Sendo assim, as africanidades comportam em suas dinâmicas nossas contradições, potencialidades, divergências, intersecções, desvios, mudanças, rupturas, congruências e pluralidades.

Nas teias e diálogos entre educação e africanidades, a professora Sandra Petit (2015) aponta a construção de uma nova pedagogia. A Pretagogia^{xii}, assim denominada por ela e pela pesquisadora Geranilde Costa e Silva (2015), aponta para a construção de uma referência teórico-metodológica afrorreferenciada, ou seja, uma pedagogia que se nutre dos elementos da cosmopercepção^{xiii} africana.

Na Pretagogia, enquanto uma pedagogia afrorreferenciada, a noção de centro se desloca, visto que se propõe a construir a partir dos diálogos com os diversos referenciais das tradições de matrizes africanas, das filosofias africanas e dos lugares culturais de

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

matrizes africanas presentes e identificáveis nas dinâmicas, vivências e experiências das populações negras, não só do continente, como também da diáspora:

A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende se constituir numa abordagem afrocentrada para formação de professores/as e educadores/as de modo geral. Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África. Dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana (PETIT, 2015, p. 120).

Assim como os quilombos foram construídos de pretos/as para pretos/as, mas não só, estabelecendo um lugar de acolhimento para seus párias. A pretagogia é uma pedagogia de negros/as para negros/as e também para não negros/as, pois o que fundamenta a pretagogia é construir, reconhecer e valorizar os referenciais inspirados nas cosmopercepções africanas.

O propósito da Pretagogia é de trabalhar com todas as referências africanas e afrodiáspóricas que veiculam a cosmovisão africana, o que de fato é um universo imenso de diversidade. É óbvio que quanto mais abrimos o leque de públicos, chegando a tratar com povos de diferentes países africanos e afrodiáspóricos, teremos que realizar adaptações e ampliações da abordagem teórico-metodológicas da Pretagogia, mas isso não irá questionar o fundamento dela, que é de valorizar as contribuições pedagógicas e filosóficas da matriz africana para a prática educacional (PETIT, 2015, p. 151).

Os elementos que compõem uma cosmopercepção africana, ainda que sofram modificações, seguem permeando diversas percepções de saber-fazer dos/das africanos/as dispersados/as pelo mundo. Nesse contexto, a Pretagogia é um conceito em construção que remete a experiências educacionais africanas e afrodiáspóricas que ultrapassam o universo escolar, que são produzidas e construídas na práxis da coletividade negra de um modo geral.

Desse modo, é importante destacar saberes-fazeres das africanidades que transmitem princípios, valores e conhecimentos de matrizes africanas e florescem das

experiências de coletividades negras, que possuem marcadores em comum, mas que, longe de serem monolíticos, são também alimentados por diferenças regionais e até de perspectivas. Manter a tradição de Palmares é, nas lentes das africanidades, criar e organizar sociedades em que negros e negras podem se entender como pessoas.

Na ginga para criar recentramento, considerando e reconhecendo outros centros, outras subjetividades e outros símbolos, as matrizes africanas se faz presente e espraia entre escadarias e morros, sertões e litorais, becos e asfaltos, terreiros e organizações comunitárias, não apenas reconhecendo as diferenças, mas considerando-as como desejáveis e parte da teia viva e dinâmica (ROSA, 2019, p. 39).

Sendo caminhos e ao mesmo tempo raízes, as africanidades também nos apontam para pontos em comum desenhados a partir dos diálogos abertos com um lócus cultural de matrizes africanas.

A presença dos saberes e conhecimentos tradicionais africanos fundamentam e influenciam, ainda que redimensionada pelas circularidades das diásporas, o cotidiano de comunidades negras, suas formas de associativismo, suas percepções de mundo, formas de celebrar a vida, de enterrar os mortos, de vivenciar a espiritualidade e educar as crianças e adolescentes.

Ao sistematizar os marcadores das africanidades na Pretagogia, Petit (2015) aponta para tais elementos: autorreconhecimento e compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro, marcado pelo racismo estrutural; ancestralidade, reconhecimento da sacralidade e religiosidade de matrizes africanas; o corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes territorialidade e circularidade. Entretanto, é importante ressaltar que esses elementos apontados por Petit (2015) não se esgotam neles, e abrir o diálogo entre as africanidades e experiências educativas em organizações comunitárias negras, podem nos apontar para uma prática educativa sedimentada nesses ou em vários outros marcadores das africanidades. Experiências essas que podem ampliar os sentidos acerca das quilombagens nos indicando o fortalecimento de uma educação comunitária negra libertadora, humanizadora, que se constrói na ginga da autonomia e no espírito do associativismo negro.

2.3 Educação Comunitária na Ginga das Quilombagens: Daruê Malungo e Gris Espaço Solidário

Sendo a palavra uma força que cria pelo diálogo, pelo movimento que desencadeia, entendo que esse trabalho só foi possível graças às memórias pixeladas e às histórias

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

contadas dessas organizações e de suas experiências educativas narradas pelas/os mestras/es aprendentes (militantes, ativistas, educadores, mães) que abriram-se ao diálogo para refletir sobre suas próprias experiências e cotidianos que transformam acontecimentos comunitários em pretagogia. Em respeito ao TCLE assinado pelas/os participantes que garante a não identificação dos/das voluntários/os, utilizo codinomes para identificá-los/as na narrativa.

Dentre as múltiplas formas de organizações comunitárias negras em Recife, lançamos nossos sentidos para o Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo, popularmente conhecido como Daruê Malungo que quer dizer Companheiro de Luta, localizado no bairro Chão de Estrela em Recife (PE), fundado em 1988.

Em conversas com uma das interlocutoras interpeladas, ela narra que da fundação de registro em 1988, o coletivo era um grupo de capoeira sob o zelo e liderança do Mestre Meia Noite. Inicialmente só homens praticavam, mais tarde, com a entrada das mulheres, o grupo de capoeira se transformou em grupo de dança e só depois, quando se somou a demanda das crianças por saber ler e escrever, foi que criaram o Daruê Malungo enquanto uma instituição de educação e cultura na comunidade Chão de Estrela, se dedicando à educação das crianças e adolescentes daquela comunidade e das áreas adjacentes. Com a identificação dos problemas relacionados à alfabetização das crianças, o Daruê propõe como metodologia da construção do conhecimento para alfabetização a partir do potencial educativo das africanidades, e cria o “Bê a Bá” do Berimbau. Conforme a interlocutora:

*Aí quando a gente foi trabalhar a questão do que a gente tava fazendo no nosso corpo e também no nosso papel, estudar um pouquinho o que é que a gente estava fazendo com esse corpo, a gente descobriu que aquelas pessoas que estavam chegando no movimento, elas não sabiam nem ler nem escrever. Muitas nunca nem tinham ido à escola e as que tinham, desistiam, porque a escola em 1988 era bem diferente, bem mais grave do que é hoje. A criança não se sentia pertencente, aquela forma como se ensinava, elas não viam que aquilo que elas estavam aprendendo na escola serviriam para elas na vida. **Aí quando a gente foi trabalhar com elas sobre essa questão de alfabetização, a gente levou para a sala de aula o que a gente fazia na prática, ou seja, a leitura que a gente iria fazer, era a leitura sobre capoeira, sobre frevo, sobre maculelê, que era o que a gente fazia. Então quando a gente ia trabalhar, a gente não fazia A de avião como tinha na cartilha, B de bola e C de casa, gente dizia que era A de atabaque, o B de berimbau, o C de capoeira, então a gente associava o que ele fazia na prática com o que ele tinha que aprender para poder fazer o alfabeto de acordo com aquilo que ele precisava. Então era coisa concreta para eles e isso fez com que eles***

se interessassem a aprender a ler, aí eles viram que a dança tem a ver com a matemática, que a leitura pode ser também uma leitura dentro do que interesse à ele e não só o que a escola ensina. Então ela se sentiu pertencente a esse mundo, então os que tinham saído da escola, eles voltaram, os que não tava a gente tentava inserir nessa escola, pedia vaga. O Daruê acabou indo para outros caminhos, não porque a gente procurou, mas porque a necessidade bateu à porta (Mahin, 2022 [informação verbal] grifos nossos).

A partir dessa narrativa de surgimento dessa organização, comungamos com o autor Allan Rosa (2019, p. 48) quando aponta que a intelectualidade afro brasileira sempre esteve ligada ao espírito comunitário, é exatamente esse elo que garante sua força, a formação de seus princípios, seus como-fazeres e seus muitos por quês. Concordando ainda com outras autorias sobre o lugar de produção de conhecimento afro brasileiro, Petit (2015, p.111) ressalta como os ensinamentos e valores das cosmopercepções africanas não são ensinadas na escola formal, mas são repassados explicitamente ou não pelas famílias, pelas práticas religiosas de matrizes africanas, nas práticas de solidariedade entre grupos comunitários, festas populares e brincadeiras que envolvem o coletivo.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que a pretagogia surge da experiência negra em educar a partir dos espaços de coletividade negra. A centralidade do associativismo negro, quilombagens outras aparece como uma fonte da pretagogia: o “Bê a Bá do Berimbau” é um referencial metodológico para educar a partir das matrizes africanas, é a Pretagogia na tentativa não apenas de estancar a sangria do analfabetismo, mas numa orgânica busca por uma educação humanizadora a partir de elementos afrorreferenciados.

A Pretagogia, enquanto conceito formulado por Sandra Petit (2015), nos propõe como uns de seus elementos o corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes, o respeito à matriz africana e a tradição oral. O Bê a Ba do Berimbau fomentado pelo Daruê Malungo, potencializa esses saberes, transversalizando essa metodologia em todas as práticas fomentadas no espaço do Daruê, como as danças afros, a confecção de instrumentos musicais, a confecção de fantasias e figurinos. De modo que, essas práticas educativas afrorreferenciadas, faz a roda saberes das africanidades girar, podemos identificar na fala de uma das educadoras do Daruê, interlocutora dessa pesquisa:

E a gente trabalhando através da educação, e educando, vai alfabetizando vocês através da dança com os instrumentos. Você tem que conhecer o instrumento, o que tá dançando, o que tá tocando, o que tá tocando tá ali,

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

aprendendo a escrever através dos instrumentos, do movimento corporal.
A capoeira mostra muito isso, das questões dos animais, dos movimentos dos animais e através disso dos movimentos dos animais foi variando a dança e até hoje estamos aqui (Dandara., 2022 [informação verbal], grifos nossos).

Na perspectiva de Dandara, o corpo produz conhecimento emancipatório, é um lugar de fazeres-saberes e memórias em que as culturas negras se inscrevem. Para Petit (2015, p. 26), a tradição oral africana é uma prática que potencializa a fala do corpo.

Assim, a oralidade, nessa percepção, assume contornos que envolvem não apenas a transmissão de conhecimento pela fala, mas todo um complexo acervo literário que envolve a relação do verbo, a música, o canto, a dança, a gestualidade, a teatralidade e as dramaturgias. Podemos identificar, assim, que a Pretagogia se faz pelo corpo, um corpo pretagógico. (PETIT, 2015, p. 27).

Esse corpo aprendente se inscreve na educação comunitária do Daruê Malungo através do Bê a Bá do Berimbau. Essa forma de alfabetizar pretagógica, ainda que não necessariamente de forma totalmente intencional ou explícita, cria possibilidades de integração desse corpo com os demais elementos das africanidades: a espiritualidade, a circularidade, o respeito aos mais velhos, a oralidade, a territorialidade, o conhecimento do lugar social construído pelo(a) negro(a) e o autorreconhecimento como afro-brasileiro.

Os marcadores das africanidades passíveis de identificação nessas experiências educativas relatadas não se mostram de forma intencional e sistematizada, mas aparecem como ensinamentos, aprendizagens e valores que se estruturam na convivência com a comunidade, ao passo em que são esses mesmos princípios elementos estruturantes do próprio senso comunitário.

Ainda que em tempos, contextos e demandas diferentes, assim como no Daruê Malungo, o Gris Espaço Solidário carrega no próprio nome as africanidades. O nome Gris é uma referência direta ao amuleto de proteção, o patuá, usado por muitos(as) negros(as) africanos(as) escravizados(as) e que até hoje também é utilizado por praticantes de religiões de matrizes africanas com a finalidade de se proteger, proteger nosso corpo e espírito de diversas situações de vulnerabilidade.

O nome desta organização está carregado de simbologias que também a definem e a situam dentro da comunidade em que ela está inserida. O Gris Espaço Solidário, fundado em 2018, surge inicialmente como uma casa de recolhimento e distribuição de alimentos em função de diversas demandas que foram surgindo na comunidade e na intenção de “abraçar à todos”, com o passar do tempo foi se transformando em gris-gris, “amuleto”

de proteção para a Comunidade Vila Arraes, localizada em Recife (PE). Nas experiências educativas desenvolvidas pelo Gris estão implicadas uma mútua confiança emocional entre a organização e toda comunidade de seu entorno. As atividades realizadas no Gris, como as de alfabetização e letramento, são, na medida do possível, atravessadas por diversas outras ações sociais e terapêuticas especialmente direcionadas para as crianças e seus familiares:

Alfabetização e letramento, é interseccionalizada a todas as atividades, exemplo tá na oficina de percussão e trabalhando alfabetização e letramento [...] Então ele é interseccional a outras atividades, tem o segundo ponto, que a gente chama do desenvolvimento, que é aquela criança que não tem aquela leitura continuada, então trabalhamos especificamente com essa criança, tem um atendimento individual, para esse desenvolvimento dela e a gente tem o desenvolvimento de capacidades, que são aquelas que já lê e já escreve, mas que apresenta um talento específico para alguma coisa. Tem criança lá que desenha muito bem, então conseguimos uma bolsa de estudos para ele no curso de desenho. E vamos trabalhando essa potencialidade dele. (Obá, 2022 [informação verbal]).

Assim, é possível identificar que no Gris as atividades educativas para alfabetização, letramento e desenvolvimento seguem um fluxo didático que emerge da própria convivência entre educadores/as, crianças, familiares e comunidade, assumindo uma perspectiva integrativa na experiência do educar. Outras atividades envolvem a confecção de brinquedos, aulas de percussão, aulas de dança e aulas de meio ambiente. Todas essas aulas são interseccionalizadas e abordam um cuidado coletivo que potencializa as crianças e a comunidade em suas habilidades e conhecimentos.

Nesse sentido, tais ações educativas se aproximam do que o autor Hampâté Bâ (1997, p. 4) aponta como uma educação tradicional africana, que se desenvolve a partir da concepção fundamental da unidade da vida, da inter-relação e, no seio desta unidade, de todos os diferentes níveis de existência. Assim, compreendo que o conhecimento produzido na educação tradicional africana está intimamente ligado à própria dinâmica da comunidade, sendo um conhecimento vivo, orgânico. Nesse aspecto, Gama, educador do Gris, quando indagado sobre qual seria a posição que ele ocupa na organização, ele pontua: “estou como coordenador pedagógico, enquanto educador também na ponta, e de forma geral na organização, pois todo mundo aqui está no faz tudo” (Gama., 2022 [informação verbal]).

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

A afirmação “pois todo mundo aqui está no faz tudo” dialoga com a posição de Bâ no que diz respeito à formação do saber na educação tradicional. Não se trata de uma desorganização, essa narrativa revela dois aspectos importantes – o primeiro aspecto seria o material: da ausência quantitativa de voluntários emerge a necessidade de que todos os atuais participantes da organização “façam de tudo” para garantir sua funcionalidade. Entretanto, a segunda dimensão que se destaca na lógica do “todo mundo faz tudo” é a ratificação do fazer-saber inter-relacionado com o todo, um fazer educativo cooperativo, que garante em certa medida uma dinâmica mais flexível em que o/a educador/a transite por vários campos do conhecimento. Ao mesmo tempo em que ele ensina música, ele, também, alfabetiza. Na mesma aula de meio ambiente ele fala de matemática, química, física e literatura. É possível identificar nessas formas de educar o princípio da integração, elemento de uma forma de produzir conhecimento afrorreferenciada, comum nas tradições africanas:

O conhecimento africano é imenso, variado. Concerne a todos os aspectos da vida. O "sábio" não é jamais um "especialista". É um generalista. O mesmo ancião, por exemplo, terá conhecimentos tanto em farmacopeia, em "ciência das terras" - propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de terra - e em "ciência das águas", como em astronomia, em cosmogonia, em psicologia etc. Podemos falar, portanto, de uma "ciência da vida": a vida sendo concebida como uma unidade onde tudo está interligado, interdependente e interagindo (BÂ, 1997, p. 1).

Os marcadores das africanidades são interconectados e se apresentam nos diálogos abertos com as organizações comunitárias negras, na dinâmica entre as ações educativas ofertadas às crianças e adolescentes e na convivência cotidiana entre todos os participantes (educadores, fundadores, crianças, familiares, vizinhos e demais parceiros).

Essas experiências educativas, a partir das africanidades, produzem um movimento no sentido de reconhecer as próprias subjetividades e as subjetividades do outro, e esse é um movimento que se volta para o próprio corpo, que fala a partir deste. Nesse aspecto, os diálogos desenvolvidos a partir do próprio corpo promovem a compreensão do lugar social historicamente atribuído à pessoa negra, que é marcado pelo racismo estrutural, e o autorreconhecimento como afro-brasileiro, ainda que esse processo não seja categorizado e realizado através de modelos lineares e/ou disciplinares.

3. Considerações Finais

Sob a ótica das africanidades, foi possível perceber no Daruê Malungo e no Gris Espaço Solidário experiências educativas vivenciadas em comunhão com elementos como a interconectividade do todo, a diversidade, a flexibilidade, a circularidade, a territorialidade, o corpo como fonte primeira da produção de conhecimento, a oralidade e o censo comunitário, princípios oriundos de cosmopercepções africanas e afro-brasileiras.

O espírito associativo de negros e negras tem talhado potenciais pedagógicos que não apenas contribuem para história da educação no Brasil, mas apontam para possíveis mudanças paradigmáticas na produção de conhecimento de um modo geral, na medida em que reorientam seus fazeres-saberes a partir de vivências afroreferenciadas, jardinando outros métodos no processo educativo, atentos à relevância do simbólico, do afetivo, do emocional e também do espiritual, revelando uma perspectiva intercultural de inclusão.

Assim, a Pretagogia, nessas duas organizações, vai sendo experienciada como uma educação que surge através das aberturas do próprio viver, na alteridade que floresce no cotidiano da comunidade. Há uma educação para a luta e para a expansão de potencialidades. Nesse caleidoscópio das africanidades, as duas organizações comunitárias vêm traçando seu curso na história da educação promovida por coletividades negras, que abre passagem para uma reconstrução coletiva dos sujeitos participantes que foram historicamente vulnerabilizados pelo racismo.

O Daruê Malungo e Gris Espaço Solidário são gíngas e mandingas que possibilitam experiências educativas, como preconiza a legislação educacional brasileira, que se realizam a partir e nas vivências negras, tomando por empréstimo as reflexões de Beatriz Nascimento (1976, p. 105) quando esta afirma que devemos continuar a tradição palmarina de criar espaços que possibilitam negros e negras de se entenderem como pessoas. Criar quilombos.

Referências

BÂ, Amadou Hampâtê. **A educação tradicional na África**. Tradução de Daniela Moreau. Revista THOT, n. 64, 1997. Disponível em: <https://doceru.com/doc/xneex8v#:~:text=desaparecer%22.&text=nossos%20ancestrais%20puderam%20conhecer%20e,em%20pot%C3%Aancia%20em%20sua%20semente%22>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BÂ, Amadou Hampâtê. *A Tradição Viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África I: metodologia e pré-história**. 2ª ed. Brasília: UNESCO, 2010.

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro Como Não-Ser como fundamento do Ser.** 2005.339f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a30-do-outro-como-nc3a30-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. *Africanidade, afrodescendência e educação.* **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, p. 05-15, 2001. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14604>. Acesso em: 25 dez. 2020.

DANDARA. **Entrevista 5.** [Fev.2022]. Entrevistadora: Jacqueline Correia. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022. 1arquivo.mp3 [26min59s]. Entrevista concedida para a pesquisa sobre experiências educativas em duas organizações negras comunitárias no Recife (PE).

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro.** 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Coordenação de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: http://www.cddh.org.br/assets/docs/2006_AnaLuizaPinheiroFlauzina.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

GAMA. **Entrevista 2.** [Fev.2022]. Entrevistadora: Jacqueline Correia. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022. 2arquivos.mp3 [1h21min18s]a,[17min54s]b. Entrevista concedida para a pesquisa sobre experiências educativas em duas organizações negras comunitárias no Recife (PE).

LOPES, Nei. **Filosofias Africanas: uma introdução.** 2ª ed. Editora Afilada. Rio de Janeiro, 2020.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite.** Salvador: EDUFBA.2013.

MAHIN. **Entrevista 4.** [Fev.2022]. Entrevistadora: Jacqueline Correia. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022. 1arquivo.mp3 [1h28min06s]. Entrevista concedida para a pesquisa sobre experiências educativas em duas organizações negras comunitárias no Recife (PE).

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 1ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição.** 1ª ed. Coletânea organizada e editada pela UCPA (União dos Coletivos Pan-Africanistas). Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

NOBLES, Wade W. *Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. Coleção Sankofa n. 4: matrizes africanas da cultura brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2009.

OBÁ. **Entrevista 1**. [Jan.2022]. Entrevistadora: Jacqueline Correia. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022. 1 arquivo.mp3 [1h39min15s]. Entrevista concedida para a pesquisa sobre experiências educativas em duas organizações negras comunitárias no Recife (PE).

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Africanidades na educação*. Artigos **Educação em Debate**, ano 25, v. 2, n. 46, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15179/3/2003_art_edoliveira.pdf. Acesso em: 17 mai. 2022.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 18, mai./out. 2012, p. 28-47. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7029>. Acesso em: 16 de out. 2020.

PETIT, Sandra. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará-EdUECE, 2015.

ROSA, Allan da. **Pedagoginga**: autonomia e mocambagem. São Paulo: Pólen, 2019.

Notas

ⁱ No texto a expressão “ *fazer ensinante*” é utilizada para exprimir a ideia da construção e transmissão do conhecimento por meio da vivência e na experiência dos sujeitos.

ⁱⁱ Africanidades refere-se a vivências, princípios éticos, valores e conceitos elaborados a partir da dinâmica civilizatória africana reelaborada e reterritorializada pelos afrobrasileiros.

ⁱⁱⁱ Tomamos aqui por empréstimo os sentidos de interculturalidade cunhados por Catherine Walsh (2019, p. 10), em que se assume um significado relacionado a geopolíticas de lugar e espaço, desde a histórica e atual resistência dos indígenas e dos negros, até suas construções de um projeto social, cultural, político, ético e epistêmico orientado em direção à descolonialização e à transformação.

^{iv} Entre-Lugares é uma expressão utilizada pelo autor Allan Rosa (2019) para explicar a criação de espaços territoriais e epistemológicos alternativos pela e para população afrobrasileira.

^v Reexistência é uma expressão utilizada no texto para designar ação de retomada e reorientação ontológica pelos afrobrasileiros a partir das africanidades. Assim, estamos falando de uma existência que não é para responder às demandas criadas pelas estruturas de opressão, como o racismo, mas de uma inventividade de existir como sujeito autodefinido, existindo novamente em direção à sua plena humanização.

^{vi} Expressão utilizada para referir-se à uma sequência sem interrupção. No texto, a expressão implica em pensar a continuidade de uma matriz africana a partir das experiências coletivas dos afrobrasileiros/as.

Experiências Educativas em Duas Organizações Negras Comunitárias No Recife (Pe): Um(a) Companheiro(a) de Luta e um Amuleto de Proteção

^{vii} Refere-se a tentativa de apagamento e fraturamento da identidade cultural africana entre a população afrobrasileira, como mecanismo de dominação, conduzindo compulsoriamente os negros/as a embranquecer-se para ter aceitação social.

^{viii} Tomando como referência a criação dos primeiros quilombos, o autor Clóvis Moura (2001) utiliza a expressão quilombagens para se referir ao esforço físico e mental de protesto contra a escravidão e suas sequelas. Nesse texto recebe esse mesmo sentido, reiterando a ideia de uma matriz africana que gesta e cria uma continuidade de processos políticos, sociais, educacionais e culturais empreendidos por negros e negras na formação de espaços alternativos para garantia de suas existências enquanto pessoa.

^{ix}Para Sueli Carneiro, “a sustentabilidade do ideário racista depende de sua capacidade de naturalizar a sua concepção sobre o Outro. É imprescindível que esse Outro dominado, vencido, expresse em sua condição concreta, aquilo que o ideário lhe atribui. É preciso que as palavras e as coisas, a forma e o conteúdo, coincidam para que a ideia possa se naturalizar”. CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção Do Outro Como Não-Ser Como Fundamento Do Ser*. 339f. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p. 29. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a30-do-outro-como-nc3a30-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

^x Designa a diáspora africana, ou seja, o processo de migração forçada empreendida na complexa e violenta trama do tráfico de pessoas africanas, a travessia do oceano atlântico nos chamados navios negreiros e o novo contexto sociocultural e econômico e a construção de novas identidade e territórios.

^{xi} Palavra derivada de espichar, que significa alongar, esticar, é utilizada no texto para designar continuidade.

^{xii} A pretagogia é um conceito teórico-metodológico cunhado pela professora Sandra Petit (2015) e Geranilde Consta (2015) que se refere a construção de uma pedagogia afrorreferenciadas, ou seja, uma pedagogia que se nutre e se desenvolve a partir de uma matriz africana.

^{xiii} Nesse texto utilizamos o termo cosmopercepção no sentido apresentado pela pesquisadora Oyèrónké Oyěwùmí, como uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Essa pesquisadora entende que o termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. Para ela, é eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. Portanto é assim, a partir desse sentido, que farei uso do termo cosmopercepção africana (OYĒWÙMÍ, 2021, p. 29).

Sobre as autoras:

Denise Maria Botelho

Professora Associada do Departamento de Educação (DED) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Docente Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI-UFRPE/FUNDAJ) nas linhas de pesquisas 1- Movimentos Sociais, Práticas Educativo-Culturais e Identidades e 3 - Políticas, Programas e Gestão de Processos Educacionais e Culturais. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades “Audre Lorde”; (Geperges Audre Lorde). Pós-Doutoramento em Educação no Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: denise.botelho@ufrpe.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4629-2224>

Jacqueline Martins Alves Correia

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação,
Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife,
Pernambuco, Brasil. Graduada em Direito(FOCCA). Email:
jacque.martinsalvescorreia@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7314-3517>

Recebido em: 28/02/2023

Aceito para publicação em: 08/11/2023